

O 5º NÚMERO DO *BOLETIM TÉCNICO DO CENTRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA APLICADA - CEEA*, JÁ ESTÁ NA MÃO!

Estamos lançando, o quinto número do **Boletim Técnico do Centro de Economia e Estatística Aplicada – CEEA**. Essa edição contém informações da conjuntura econômica nacional e dos principais indicadores econômicos, de mercado e cotações como: câmbio, inflação, juros, emprego, entre outros. Traz ainda um panorama da indústria, da indústria da construção civil e do setor de material de construção.

O **CEEA** é resultante do Projeto de pesquisa de preços, financiado com recursos do edital do ProPIC 2015/16, visando produzir um índice de inflação, designado IPC/FUMEC. Esse Índice indicará a evolução do custo de vida ou padrão de vida das famílias de alunos, funcionários e professores da Faculdade de Engenharia e Arquitetura, da Universidade FUMEC.

APRESENTAÇÃO

Nessa edição, o **Boletim Técnico do CEEA** traz uma análise atualizada da conjuntura econômica brasileira, considerando os principais indicadores econômicos, de mercado e cotações. A vida vai continuar difícil para os brasileiros em 2016, segundo a maior parte dos analistas ouvidos, lidos e assistidos nos principais veículos de comunicação, nesse início de ano, no Brasil. A previsão é que o país continue em recessão e com indicadores negativos: queda no PIB, juros altos, inflação elevada, dólar em alta e desemprego, entre outros

Segundo os principais e mais renomados analistas de mercado, pós um 2015 muito pior do que o previsto, saídas apontadas para a crise brasileira passam pelo já muito debatido controle das contas públicas e também pela política de juros, pelo incentivo à indústria e pelo abandono da política de benesses a setores específicos. Veja nesse número, o comportamento das principais condicionantes da economia e uma previsão para o ano de 2016.

Expediente

*Boletim Técnico do Centro
Economia e Estatística
Aplicada - CEEA*

Produção:

*Equipe de pesquisa de
preços do CEEA*

Equipe:

Editor/Coordenador:

*Prof. José Henrique da Silva
Júnior*

Colaboraram nesse número:

Profª. Ana Paula Venturini

***Bolsistas:** Camila Cortés e
Maria Eduarda*

***Voluntária:** Rushla Castro e
Caroline Maia*

Contatos:

centrodeeconomiaestatistica@fumec.br

A CONJUNTURA ECONÔMICA E O ANO DE 2016

A vida vai continuar difícil para os brasileiros em 2016, segundo a maior parte dos analistas ouvidos, lidos e assistidos nos principais veículos de comunicação, nesse início de ano, no Brasil. A previsão é que o país continue em recessão e com indicadores negativos: queda no PIB, juros altos, inflação elevada, dólar em alta e desemprego, entre outros. A incerteza política e econômica deve prosseguir em 2016. A recuperação da economia depende, em grande parte, da aprovação de medidas de ajuste, o que requer consenso político. O ano de 2015 provavelmente será lembrado como particularmente difícil para a economia brasileira. A retração da atividade econômica vem se intensificando. O PIB recuou 1,7% no terceiro trimestre, e os indicadores coincidentes e antecedentes sugerem nova queda no último trimestre do ano. Os analistas alteraram as projeções para o PIB em 2015 de -3,2% para -3,7%. Para 2016, esperam contração de 2,8% (antes, -2,5%). No mercado de trabalho, a taxa de desemprego deve seguir em alta e alcançar dois dígitos no próximo ano.

A inflação oficial em dezembro, o IPCA, subiu 0,96%. Com isso, o índice encerrou o ano de 2015 com variação de 10,67%, bem acima da taxa registrada em 2014 (6,41%). No ano passado, as maiores contribuições de alta vieram dos grupos alimentação, habitação e transportes.

De acordo com a pesquisa Focus, com participantes do mercado, expectativa do IPCA para 2016 voltou a subir esta semana, para 6,93%. A projeção para 2016 vem subindo sistematicamente desde agosto do ano passado, influenciada inicialmente pela depreciação cambial, e mais recentemente pela expectativa de reajuste mais intenso de preços administrados. A expectativa para 2017 também subiu recentemente, para 5,20%. No Relatório de Inflação de dezembro, o Banco Central (BC) projeta o IPCA em 4,80% em 2017, acima do centro da meta de 4,50%.

As projeções de PIB para 2016 continuaram em queda nesse início de ano com dados bem mais fracos na margem (exemplo, produção industrial de novembro). A mediana das projeções de mercado prevê uma queda de 3,0% do PIB em 2016, com algumas projeções já se aproximando de queda de 4,0%.

Após um 2015 muito pior do que o previsto, saídas apontadas para a crise brasileira passam pelo já muito debatido controle das contas públicas e também pela política de juros, pelo incentivo à indústria e pelo abandono da política de benesses a setores específicos

De acordo com os agentes econômicos, havia um consenso entre economistas de diferentes correntes de que 2015 seria “desafiador”, para resgatar um termo muito utilizado na época. Nem o mais pessimista deles, porém, conseguiu imaginar que a deterioração ocorreria de maneira tão rápida e profunda. O que era chamado genericamente de crise transformou-se no que promete ser a pior recessão em quase cem anos, uma depressão.

INFLAÇÃO

Segundo o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA do mês de dezembro apresentou variação de 0,96% e ficou 0,05 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de 1,01% registrada em novembro. Mesmo com a desaceleração de novembro para dezembro, a taxa do último mês de 2015 foi a mais alta para o mês de dezembro desde os 2,1% de dezembro de 2002. Em dezembro de 2014, chegou a 0,78%.

Trata-se da taxa mensal mais alta para o mês desde 2002, quando atingiu 2,10%. Com o número de dezembro, o IPCA de 2015 encerrou os 12 meses do ano com alta acumulada de 10,67%, resultado

4,16 pontos percentuais acima do teto da meta inflacionária fixada pelo Banco Central, de 6,5%. A taxa de 2015 é a maior desde 2002, quando atingiu 12,53%.

Conforme mostra a tabela a seguir, dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, o maior resultado foi para Alimentação e Bebidas, com alta de 1,50%, seguido por Transportes, com 1,36%. Juntos, responderam por 66% do IPCA do mês já que a soma de suas contribuições gerou 0,63 p.p., sendo 0,38 p.p. dos alimentos e 0,25 p.p. dos transportes.

No grupo Alimentação e Bebidas (1,50%) a alta chegou a 2,32% na região metropolitana de Fortaleza e 2,04% na região de Recife. Observa-se que os preços dos produtos para serem consumidos em casa subiram 1,96%, em média, bem mais do que a alimentação fora de casa, cuja variação foi de 0,65%. De acordo com a tabela abaixo, alguns itens apresentaram aumentos expressivos, a exemplo da cebola (13,71%) e do tomate (11,45%), açúcar refinado (10,20%) e cristal (7,14%), feijão-fradinho (7,24%) e carioca (7,02%).

Nos Transportes, a alta de 1,36% foi influenciada pelo item passagens aéreas tendo em vista que as tarifas dos voos ofertados em dezembro ficaram 37,07% acima daqueles ofertados em novembro, quando foi registrada a variação de -5,18%. Com 0,14 p.p. na formação do IPCA do mês, as passagens aéreas lideraram a lista das principais contribuições individuais. Além disso, os combustíveis, que nos dois meses anteriores se mantiveram na dianteira das contribuições, continuaram com seus preços 4 em elevação, ainda que em menor intensidade. A alta ficou em 1,50%, sendo 1,26% o aumento do litro da gasolina e 2,80% o litro do etanol.

Veja abaixo os resultados de dezembro da inflação, por região pesquisada, segundo o IBGE:

Região	Peso Regional (%)	Variação (%)		Variação Acumulada Ano (%)
		Novembro	Dezembro	
Fortaleza	3,49	1,27	1,45	11,43
Belém	4,65	1,25	1,39	9,93
Rio de Janeiro	12,06	1,24	1,24	10,52
Brasília	2,80	0,66	1,21	9,67
Curitiba	7,79	1,08	1,14	12,58
Recife	5,05	0,80	1,00	10,15
Vitória	1,78	0,81	1,00	9,45
Salvador	7,35	1,19	0,94	9,86
Campo Grande	1,51	1,29	0,91	9,96
São Paulo	30,67	0,88	0,84	11,11
Porto Alegre	8,40	1,03	0,82	11,22
Goiânia	3,59	1,44	0,80	11,10
Belo Horizonte	10,86	0,84	0,58	9,22
Brasil	100,00	1,01	0,96	10,67

ATIVIDADE ECONÔMICA

Segundo os analistas de mercado se confirmado o PIB de -2,97%, será o pior resultado em 25 anos, ou seja, desde 1990 – quando foi registrada uma queda de 4,35%. Para 2016, os economistas das instituições financeiras baixaram de 1% para 1,2% a expectativa de contração na economia do país. No início de 2015, a previsão dos economistas era de uma expansão de 1,8% para a economia brasileira no ano que vem.

Se a previsão se concretizar, será a primeira vez que o país registra dois anos seguidos de contração na economia – a série histórica oficial, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem início em 1948. O PIB é a soma de todos os bens e serviços feitos em território brasileiro, independentemente da nacionalidade de quem os produz, e serve para medir o comportamento da economia brasileira.

EMPREGO

Em pouco mais de um ano, o brasileiro saiu do quase pleno emprego para engrossar a fila dos desocupados, sem data para voltar ao mercado de trabalho. Um levantamento feito pela Tendências Consultoria Integrada, mostra que, com a rápida deterioração da atividade econômica em 2015, o trabalhador está demorando mais tempo para conseguir um novo emprego. O percentual de desocupados há mais de sete meses subiu de 24,1%, em janeiro do ano passado, para 33,8% em novembro – o maior nível mensal desde 2006. A faixa que mais cresceu foi a que inclui desempregados entre 7 e 11 meses, cujo percentual dobrou no período, de 7,3% para 14,2%. Enquanto isso, o percentual de trabalhadores que conseguia emprego no curto prazo, em até 30 dias, caiu de 29,6% para 20,2%. A faixa entre 31 dias e seis meses ficou estável, com 46% dos desocupados.

Para os analistas de mercado o desemprego deve aumentar e chegar a 11,5%. As empresas procuram retardar o processo de demissão porque é custoso e significa abrir mão de um funcionário e qualificado. Mas com recessão as empresas devem cortar ainda mais. Se a economia se estabilizar, há possibilidade de as demissões pararem. Caso contrário, o índice pode aumentar ainda mais. Situação só começa a melhorar no segundo semestre. Previsão de 11%.

CÂMBIO

Após subir quase 50% no ano passado e encerrar levemente abaixo de R\$ 4,00, a perspectiva do mercado financeiro para o câmbio este ano é de alta para R\$ 4,25. O dado consta do Relatório de Mercado Focus divulgado na segunda feira, 11/01, pelo Banco Central. No levantamento anterior, a mediana das estimativas dos analistas apontava para uma cotação de R\$ 4,21 e, no de quatro semanas atrás, de R\$ 4,20. Já para 2017, a mediana das estimativas do mercado aponta para uma cotação de R\$ 4,23, maior do que a de R\$ 4,20 vista na semana passada um mês antes, já estava nesse patamar. Para este ano, o câmbio médio passou de R\$ 4,13 para R\$ 4,14 (estava em R\$ 4,09 há quatro semanas), enquanto que para 2017, essa mesma variável permaneceu em R\$ 4,10 mesma cotação também de um mês atrás.

DEFICIT PÚBLICO

Segundo a ITAU/BBA, a dívida pública e o déficit nominal seguem em alta. Para a Instituição, os resultados fiscais seguem em deterioração devido à queda da receita e ao aumento das despesas obrigatórias, uma tendência que deve se manter no ano que vem. Os resultados fiscais seguem em deterioração devido à queda da receita e ao aumento das despesas obrigatórias, uma tendência que deve se manter no ano que vem. Em novembro, o governo central surpreendeu negativamente, registrando déficit primário de R\$ 21,7 bilhões (mercado: -14 bi; nossa estimativa: -16 bi). Já os governos regionais surpreenderam positivamente, com superávit de R\$ 2,4 bilhões (nossa

expectativa: -3,0 bi). O resultado primário consolidado alcançou R\$ -19,6 bilhões, reduzindo o acumulado em 12 meses de -0,7% para -0,9% do PIB.

O governo decidiu pagar todo o estoque de despesas atrasadas —R\$ 57 bilhões — em dezembro. O pagamento do estoque total este ano levará o resultado primário do governo central a -2,0% do PIB em 2015, mas eliminará a necessidade de pagamento de despesas atrasadas nos próximos anos. Nossa hipótese era que esses pagamentos seriam realizados gradualmente durante os próximos quatro anos. Portanto, a decisão terá impacto positivo sobre nossas projeções para os próximos anos. Para 2016, nossa projeção para o resultado primário poderia aumentar de -1,3% para -1,0% do PIB. No entanto, notamos riscos crescentes de queda mais acentuada na arrecadação de impostos, com impacto negativo sobre o resultado primário de 2016.

O déficit nominal permaneceu estável, em 9,3% do PIB, mas foi favorecido pelos ganhos do Banco Central com swaps cambiais no mês (R\$ 12 bilhões, comparado a uma perda de R\$ 9 bilhões em novembro de 2014). O déficit nominal excluindo os swaps cambiais cresceu para 7,6% do PIB (7,3% em outubro), por causa da queda do resultado primário e do aumento na despesa líquida de juros excluindo swaps (de 6,6% para 6,7% do PIB). Esperamos que a despesa de juros excluindo o resultado com os swaps seguirá em alta, à medida que os juros permanecem elevados e o governo acumula mais dívida. A dívida líquida do setor público aumentou para 34,3% do PIB (33,6% em outubro) e a dívida bruta do governo geral avançou para 65,1% (64,9% no mês anterior).

JUROS

No Mercado financeiro, espera-se duas altas de 0,50 p.p. nas próximas reuniões do Copom, com a Selic se mantendo em 15,25% a partir de abril. O Banco Central, através do Comitê de Política Monetária (Copom) continua indicando que deve voltar a subir os juros. O objetivo é ancorar as expectativas de inflação, que continuam subindo, e projetam o IPCA acima do intervalo das metas esse ano e acima do centro da meta em 2017. Antes esperávamos manutenção dos juros em função do aprofundamento da recessão e do trade-off ruim para a política monetária. Projeta-se agora um ciclo de 1,0 p.p., com duas altas de 0,5 p.p., a partir da próxima reunião do Copom na semana que vem.

Segundo a ANEFAC - Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, a taxa de juros para pessoa física, em dezembro, comportou-se assim:

LINHA DE CRÉDITO	NOVEMBRO/2015		DEZEMBRO/2015		VARIÇÃO %	VARIÇÃO PONTOS PERCENTUAIS
	TAXA MÊS	TAXA ANO	TAXA MÊS	TAXA ANO		
Juros comércio	5,45%	89,04%	5,50%	90,12%	0,92%	0,05
Cartão de crédito	13,94%	378,76%	14,35%	399,84%	2,94%	0,41
Cheque especial	10,56%	233,56%	10,76%	240,88%	1,89%	0,20
CDC – bancos- financiamento de automóveis	2,26%	30,76%	2,28%	31,07%	0,88%	0,02
Empréstimo pessoal-bancos	4,34%	66,50%	4,40%	67,65%	1,38%	0,06
Empréstimo pessoal-financeiras	8,00%	151,82%	8,04%	152,94%	0,50%	0,04

INDÚSTRIA

Segundo a Confederação Nacional da Indústria – CNI, a atividade industrial mostrou queda em novembro. É comum que o índice de evolução de produção se situe abaixo dos 50 pontos em novembro, devido ao fim das encomendas de final de ano. Ressalte-se, contudo, que o índice de novembro de 2015 (40,9 pontos) é o menor para o mês desde o início da série histórica mensal, em 2010 – o que significa dizer que a queda foi mais intensa que a usual. Segundo a Confederação, a forte queda da produção industrial em novembro surpreendeu e tornou ainda mais pessimistas as projeções para este ano, contaminando as expectativas para a economia como um todo. A produção da indústria encolheu 2,4% em novembro sobre outubro, o triplo da média esperada por 17 analistas consultados pelo Valor Data. No acumulado do ano, a retração chegou a 8,1%. Diante desses números, já se projeta para a indústria queda ao redor de 8% em 2015, superando o pior resultado - o de 2009 - quando teve recuo de 7,1%. Será o segundo ano consecutivo de retração da indústria, cuja produção diminuiu 3,2% em 2014 e agora volta ao patamar de aproximadamente sete anos atrás.

INVESTIMENTOS

Em 2015, houve, segundo dados do IBGE, queda do investimento industrial e perda de competitividade, somadas à desaceleração da economia mundial, fizeram a produção do setor voltar ao nível de 2009.

Segundo a CNI, indústria brasileira enfrenta uma crise histórica e que parece sem fim. O setor se tornou uma das principais amarras do crescimento brasileiro, e o que era ruim piorou: se nos seis primeiros meses de 2015, a produção industrial recuou 6,3% e voltou ao nível de 2009, quando a economia mundial se recuperava da crise financeira internacional, no segundo semestre, o desempenho do setor, caiu mais ainda. De acordo com a Entidade, as crises política e econômica derrubaram a confiança de consumidores e empresários, o que estancou os investimentos. No setor de máquinas e equipamentos – considerado o coração da indústria –, a utilização da capacidade instalada está em 65,6%, nível mais baixo desde março de 1999.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Segundo a CNI a recessão econômica continuou impactando a indústria da construção ao longo de 2015. Os dados de novembro indicam queda do segmento, sem perspectivas de melhora no curto prazo. Para os próximos seis meses, os empresários mantiveram a expectativa pessimista, com os índices de expectativa de novos empreendimentos e serviços e de expectativa de compras de insumos e matérias-primas atingindo os menores valores de suas séries históricas.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Segundo a Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção-Anamaco, as vendas no varejo de material de construção cresceram 3% em dezembro, com relação a novembro, mas o setor encerrou 2015 com queda de 5,8% e faturamento de R\$ 56,5 bilhões no ano. Foi a primeira retração registrada pelo segmento nos últimos 12 anos. Os dados são do estudo mensal realizado pelo Instituto de Pesquisas da Anamaco com o apoio da Abrafati, Instituto Crisotila Brasil, Anfacer e Siamfesp. Segundo a pesquisa, o desempenho no mês de dezembro ficou 7% abaixo do registrado pelo setor no mesmo período de 2014. “Nós já esperávamos encerrar o ano com queda nas vendas, mas vínhamos batendo recordes consecutivos de faturamento desde a última retração do setor,

registrada em 2003. E, mesmo em 2003, vínhamos de um recorde histórico desde 1994. Já passamos por isso antes e sabemos como o nosso mercado se comporta. O consumidor pode até adiar obras em função da crise econômica, mas ele não poderá adiar essa necessidade por muito tempo”, explica Cláudio Conz, presidente da Anamaco. A boa notícia, pondera, fica por conta da perspectiva de recuperação a partir do segundo trimestre de 2016. Mesmo em face das pessimistas previsões pairando sobre o ano que vem, que segundo analistas de mercado registrará recuo de 2,3% no PIB.

O SEU DINHEIRO EM 2016

Em tempos de inflação alta, os brasileiros têm buscado alternativas para proteger o patrimônio. Segundo analistas do mercado financeiro, em 2015, o Tesouro Direto foi a menina dos olhos de muitos investidores, que aliaram a segurança da renda fixa à boa rentabilidade dos títulos públicos. Como a elevação dos preços não dá sinal de trégua, a taxa básica de juros (Selic) deve permanecer elevada em 2016 e os rendimentos dos títulos, conseqüentemente, vão continuar atrativos. “Vai ser difícil encontrar outro investimento que bata o juro de 14%. Não é impossível, mas em outros ativos, como Bolsa e câmbio, há o fator risco”, diz o diretor da Easynvest Amerson Magalhães. A rentabilidade chama a atenção principalmente se comparada à da caderneta de poupança, que vai perder para a inflação pela primeira vez em treze anos.

Veja abaixo, resumidamente, uma sugestão de bons e ruins investimentos, para seu dinheiro em 2016:

Devem ser bons investimentos:

- Tesouro Direto
- CDB
- Fundos de renda fixa
- LCI e LCA

Devem ser ruins:

- Poupança
- Bolsa
- Dólar
- Fundos imobiliários
- Imóveis

Segundo cálculos da consultoria Economatica de São Paulo, o ganho anual da poupança em 2015 esteve em 7,95%, ante uma inflação de 10,48%. O cenário para 2016 também não é animador: economistas consultados pelo Banco Central estimam o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 6,86%, acima do teto da meta do governo, de 6,5%. Portanto, cabe ao investidor procurar se proteger da inflação e tentar ganhar algum retorno frente as diversas alternativas existentes no mercado.

A seguir, uma dica preparada por analistas e especialistas ouvidos pelo Jorna Estado de São Paulo:

Ouro

O retorno de investimento em ouro foi o segundo maior de 2015 no País, mas nem assim é o preferido dos especialistas.

Dólar

É muito difícil prever a taxa de câmbio no horizonte de um ano. No boletim Focus do dia 11/01, analistas consultados pelo Banco Central esperavam uma taxa de câmbio de R\$ 4,25 para o final de 2016. A percepção no mercado é que a moeda dificilmente terá uma alta como a ocorrida este ano, o que torna a moeda americana e fundos cambiais menos atraentes. “O dólar, diz Sandra da Órama Invest, até pode passar de R\$ 4 novamente em um momento de estresse, mas a expectativa não é de uma alta forte. O risco de não ganhar nada ou perder é alto”,

Imóveis

Segundo Eid, da FGV, encarar imóveis como investimento não é uma boa alternativa. “Para ter um bom rendimento, a pessoa tem que ter uma boa carteira de imóveis comerciais”, afirma. Mas, para quem está pensando em comprar uma casa ou apartamento para chamar de seu, 2016 pode ser um momento favorável, especialmente para quem já guardou a maior parte do dinheiro e vai depender menos do financiamento.

Ações

Com uma série de obstáculos desconhecidos pela frente, a bolsa de valores é o mais desafiador investimento para 2016. Você está preparado para enfrentá-lo? Para quem está disposto a assumir o risco e amargar, eventualmente, perdas financeiras, investir em ações sempre é uma opção. De janeiro a dezembro, o Ibovespa, principal índice da bolsa brasileira, caiu mais de 10%. Mas há sempre alguém ganhando. Cinco empresas tiveram, até o dia 10 de dezembro, uma valorização superior a 50% em 2015. Entre elas estavam: Klabin, Fibria, Suzano, Raia Drogasil e Braskem. Boa parte delas se beneficiou com a desvalorização do real. Apesar de afirmar que a bolsa brasileira ainda não está compensando o risco, Constantini, do Banco Itaú, diz acreditar que um bom momento de compra no Brasil pode surgir nos primeiros trimestres de 2016. Entre os fatores necessários para que isso aconteça estão a estabilização da economia, a retomada da governabilidade e um freio na baixa dos preços das commodities, que já tiveram desvalorização expressiva em 2015.

Fundos de renda fixa

Em momentos de crise e juros altos, os fundos de renda fixa são uma excelente opção para garantir um bom retorno sem muito risco. Porém, para escolher o melhor tipo de aplicação na renda fixa, você precisa responder a duas perguntas importantes: quanto dinheiro tem e por quanto tempo pode deixar cada valor rendendo. Por exemplo, se uma parte do dinheiro será usada para pagar sua lua de mel, daqui a um ano, o investimento que você fará deve ser diferente do investimento onde você colocará o dinheiro para sua aposentadoria ou para um apartamento que quer comprar daqui a cinco anos.

Para aquela reserva financeira de emergência ou o dinheiro que você sabe que precisará usar no curto prazo, além da poupança, as alternativas são títulos privados de curto prazo, como CDBs, LCIs (letra de crédito imobiliário) e LCAs (letra de crédito agrícola) com vencimento menor que 360 dias ou o Tesouro Selic (antiga LFT), que acompanha o rendimento da taxa Selic. O rendimento pode não ser tão alto quanto de produtos que visam o médio ou longo prazo, mas garantem uma rentabilidade melhor que a da poupança. No caso de CDBs, LCIs e LCAs, se seu horizonte de investimento for maior, os títulos com vencimento de 720 dias ou mais pagam taxas melhores. Os títulos privados pagam, na maioria dos casos, um percentual do CDI, a taxa de juros média de empréstimo entre os bancos.

Fundos multimercado

Piora do cenário econômico ao longo de 2015 obrigou os gestores de fundos multimercados a se desdobrarem para garantir rentabilidade aos seus clientes. Caso a ideia seja investir em fundos multimercado (onde os gestores podem investir com maior liberdade tanto em moedas como em renda fixa e variável) ou de ações, o ideal, segundo Eid, da FGV, é pesquisar o histórico de rendimentos e selecionar aqueles com retorno mais consistente ao longo dos anos. A máxima de sempre continua valendo: rendimento passado não garante rendimento futuro. No entanto, fundos com boa gestão geralmente possuem um desempenho com menos altos e baixos.

Fundos de ações

A indefinição política dizimou os ganhos dos fundos de ações e 2016 não será mais tranquilo. Mas ainda há oportunidades para quem gosta de risco.

Fundos cambiais

Os fundos cambiais foram estrelas do retorno financeiro em 2015, mas as apostas são indicadas para quem tem sangue frio.

Previdência privada

Crise de 2015 teve um efeito devastador sobre os investimentos. Conheça as recomendações dos especialistas em previdência para garantir um futuro tranquilo apesar dos solavancos.

MELHORES E PIORES APLICAÇÕES FINANCEIRAS EM 2015

Dólar comercial	48,49%		
Ouro BM&F	32,15%	Poupança antiga*	7,29%
Fundos Multimercados Macro*	21,53%	Poupança nova*	7,29%
Fundos Multimercados Investimento no Exterior	19,93%	Fundos de Investimentos Imobiliários (Ifix)	5,40%
Fundos Renda Fixa Investimento no Exterior	16,87%	Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2035 (NTN-B)	3,88%
Fundos Renda Fixa Simples	13,73%	Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2050 (NTN-B)	2,66%
Tesouro IPCA+ 2019 (NTN-B Principal)	13,39%	Fundos de Ações Livre*	-2,98%
Selic*	13,23%	Fundo de Ações Dividendos*	-5,37%
CDI*	13,20%	Tesouro IPCA+ 2035 (NTN-B Principal)	-6,38%
Tesouro Selic 2017 (LFT)	13,01%	Fundos de Ações Indexados	-11,77%
Tesouro Prefixado 2016 (LTN)	12,70%	Fundos de Ações Small Caps*	-12,13%
Fundos Multimercados Juros e Moedas*	12,70%	Ibovespa	-13,31%
IGP-M (estimativa do Banco Central)**	10,72%		
IPCA (estimativa do Banco Central)**	10,72%		
Fundos Renda Fixa Indexados*	10,68%		
Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2017 (NTN-F)	10,40%		